



PSICANÁLISE

Walter Trinca

# Do niilismo ao amor à vida

*Ser ou não ser*

**Blucher**

DO NIILISMO AO  
AMOR À VIDA

*SER OU NÃO SER*

WALTER TRINCA

*Do niilismo ao amor à vida: ser ou não ser*

© 2022 Walter Trinca

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonas Eliakim

*Produção editorial* Catarina Tolentino

*Preparação de texto* Danilo Villa

*Diagramação* Guilherme Henrique

*Revisão de texto* Marco Antonio Cruz

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* Alexandre Trinca

---

# Blücher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Trinca, Walter

*Do niilismo ao amor à vida : ser ou não ser /*  
Walter Trinca. – São Paulo : Blücher, 2022.

248 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-369-1

1. Psicanálise 2. Niilismo (Filosofia) I. Título

22-5908

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução	9
<b>Primeira parte – Nihilismo, pessimismo e tragédia</b>	<b>17</b>
1. O pessimismo na antiguidade greco-romana	19
2. Irrupções de desalentos sistemáticos	35
3. Culminâncias do pessimismo: Schopenhauer	51
4. Contornando os abismos	55
<b>Segunda parte – Uma proposta psicanalítica</b>	<b>71</b>
5. Um modelo da mente	73
6. A interação dos fatores	83
7. A expansão de consciência	93
<b>Terceira parte – O pensamento trágico e a psicanálise</b>	<b>101</b>
8. Pontuando a visão catastrófica	103
9. Catastrofismo e modernidade	113
10. Pessimismo e psicanálise	125

<b>Quarta parte – O horizonte da superação</b>	<b>139</b>
11. Vida e morte: princípios irreconciliáveis?	141
12. A paixão de vida	153
13. A assombrosa sinfonia universal	161
<b>Quinta parte – A base de sustentação</b>	<b>169</b>
14. Ao encontro de si mesmo	171
15. Raízes & significados	179
<b>Sexta parte – Um passo além</b>	<b>189</b>
16. Imaterialidade: os sentidos mais profundos I	191
16.1 A realidade como sonho	194
16.2 O mundo como imagem artística	196
16.3 A vida como expressão de alegria	198
16.4 A mente como alargamento	201
17. Imaterialidade: os sentidos mais profundos II	205
17.1 O Universo como perplexidade	206
17.2 A imaterialidade como estética	211
18. O que é, enfim, o amor à vida?	219
<b>Epílogo</b>	<b>227</b>
Reflexões e conclusões	229
Referências	239
Sobre o autor	247

# 1. O pessimismo na antiguidade greco-romana

Desde remota antiguidade, tem sido propagada uma antiquíssima lenda, que fazia parte da sabedoria popular dos gregos e exprimia o seu pessimismo. Essa lenda foi mencionada por Teognis na segunda metade do século VI a.C., tendo sido referida por Aristóteles e muitos outros, inclusive mais recentemente por Nietzsche. A lenda diz que o rei Midas perseguiu na floresta o velho Sileno, capturando-o. Considerado sábio, Sileno foi interrogado por Midas, que lhe indagou sobre o que deveria preferir na vida, ou seja, a coisa inigualável e superior a tudo, que ele, Midas, deveria buscar e encontrar. Coagido pela insistência do rei, Sileno saiu de seu mutismo e desatou a rir, dizendo que melhor teria sido não nascer, não ter visto os raios do Sol, mas como isso era impossível, melhor seria morrer e, coberto de terra, atravessar os portais do Hades o mais rapidamente possível. Essa era uma admoestação dirigida à humanidade inteira. Os filósofos, escritores e artistas saídos da modernidade não inventaram o pessimismo, ele foi gestado na aurora dos tempos humanos e costuma aparecer em contramarcha quando a mente humana dispõe de poder construtivo e criativo.

A recusa à vida e ao viver parece contrariar, em princípio, o difundido ideal clássico de serenidade e de harmonia que, com justa razão, é atribuído à filosofia, à literatura e, principalmente, à arte da Grécia antiga. A *sophrosyne*, que significa procura de sabedoria, equilíbrio e moderação, coexistia na civilização homérico-olímpica com todo o pensamento de desgraça, tragédia e pessimismo. Ao sorriso ingênuo desse grego, que buscava a *eudaimonia*,<sup>1</sup> contrapunham-se, desde séculos anteriores à antiguidade clássica, a incerteza, a insegurança e o mal-estar pela fugacidade e impermanência da vida, quando não pelo sofrimento, injustiça e morte que ela acarreta. De tal modo que, na balança entre o luminoso e o sombrio, o peso parecia pender para o sentimento de inutilidade e vacuidade da existência, diante dos males que ela ocasiona. O contraste tornava-se flagrante se os males eram atribuídos à *hybris*, a desmesura e o orgulho triunfantes por ofensa aos deuses. Toda essa temática passava pelo universo dos poetas, pensadores e místicos helenos.

As contradições vivenciadas pelo espírito grego tradicional não se resumem à atitude perante a vida, mas à formulação de uma teodiceia e, mais ainda, de uma imagem do mundo baseada na teogonia. Por toda parte, as representações da dor, do conflito, da violência, da desgraça e da tragédia passam pelas relações entre o mundo humano e o mundo divino. As melhores formas dessas representações encontram-se nos mitos, para os quais, desde o passado longínquo até os primeiros filósofos pré-socráticos, converge a organização do pensamento e das emoções, em que estão contidos os ideais e os temores, as indagações e as respostas, as esperanças e as desesperanças, as forças de vida e as de morte. Os mitos têm por finalidade a elaboração das contradições e, ao mesmo tempo, dar notícias do mundo interno dos indivíduos sob a ótica do sofrimento, da perversidade, da desventura, do desencanto e do pessimismo. O

---

1 Termo moderno para nomear a ideia de felicidade como fundamento de toda moral.

panteão dos deuses olímpicos seria no mínimo estranho ao nosso entendimento se não refletisse a dupla face de construção e destruição em que se sustenta a realidade. Assim, os deuses olímpicos são cruéis, déspotas, ciumentos, invejosos, perseguidores, vingativos, implacáveis e arrogantes, vivendo em um universo de disputas, violências, dominações, condenações e castigos. A potência divina faz incidir sobre os humanos o seu terror e a sua ira, mas também a sua graça, quando lhe apraz. Entre os deuses, a dinâmica não é muito diferente, se bem que aos seres humanos a grande incriminação é a de *hybris*: a não aceitação, por descomedimento, do destino que a cada um é reservado.

Tendo por referência a esfera divina, o pessimismo grego volta-se principalmente contra a vida alegre, livre, solta e feliz, ainda que na esfera humana esta possa se constituir numa meta a ser alcançada. Em ambas as esferas, prolifera todo tipo de crime e castigo, de tortura e injustiça, sendo o cosmo infestado de figuras desoladoras e sombrias, que não deixam margem à esperança. No poema de Hesíodo, que viveu aproximadamente no século VIII a.C., o cosmo nasceu do Caos, a desordem, que produziu a Noite, criadora do Destino cego e implacável. A Noite gerou as Parcas,<sup>2</sup> donas do fio da vida, que elas cortam inapelavelmente, assim como procriou a Discórdia, a Velhice e a Morte. Nascido do Caos, Érebo é uma entidade que se confunde com o próprio Inferno. De Gaia, a Terra, originou-se Urano, o Céu, pai dos Titãs, que devorava seus próprios filhos. Morreu por ter sido castrado por Cronos, seu filho. Cronos e Reia, uma das Titãs, deram origem aos deuses olímpicos, dentre os quais Zeus, que triunfou da guerra contra os Titãs. A crueldade dos antigos deuses gregos representa forças cósmicas poderosas e onipotentes, mas também a inermidade da condição humana em face delas.

---

2 Nome latino para as Moiras gregas.

Desde a criação do mundo, nasceram os heróis e, com eles, toda sorte de contradições entre vitória e derrota, amor e ódio, vida e morte. A mitologia grega não cessa de representar a existência humana condenada ao mal, ao sofrimento, ao destino cruel e ao desalento. Divindades infernais ascendem ao primeiro plano, a começar por Plutão, senhor dos infernos, que reina sobre as sombras dos mortos, seguido por Tãtatos, a própria morte, temido até pelos deuses. Divindades infernais, as Eríneas ou Fúrias espalham pelo mundo todos os infortúnios, disputas e vinganças. As Harpias, monstros voadores, trazem os horrores da fome e as desgraças de vícios incontáveis. Há, ainda, as Górgonas, dentre as quais Medusa, cujo olhar transforma pessoas em pedra. Cila, o mais terrível dos monstros, assim como os Cíclopes, devora os seres humanos. O mesmo fazem as Sereias com seu canto enganador. O desfile das calamidades é imenso e aterrador. São bem conhecidas as histórias de Pandora, cuja caixa contém todos os males, bem como de Prometeu, cujo fígado é devorado continuamente pelo abutre, e de Ixion, amarrado a uma roda de fogo que gira sem parar. Tântalo sofre de sede abrasadora nas proximidades inatingíveis de um poço, Títio é lançado no Tártaro, sendo comido nas entranhas por um abutre, as Danaides são punidas para sempre nos infernos, carregando água em peneiras, e Sísifo condenado eternamente a empurrar uma rocha morro acima, que torna a cair ao chegar no topo. Haveria infindáveis exemplos. O problema do mal e, especialmente, da falácia, do equívoco e da inutilidade da existência é o pano de fundo que alimenta toda atitude pessimista. Diz-se que o desgosto, o desencanto e o desprezo para com a espécie humana levou Zeus a provocar o dilúvio.

Na Grécia antiga, do mito à tragédia não há mais que um passo. Se o mito é o pessimismo em estado bruto, a tragédia é a vivência explícita do pessimismo. O que a tragédia faz é dar vida ao mito, investindo-o de carne e osso. Ela vivifica o mito, transformando-o em vivência e, assim, recoloca-o num lugar de existência efetiva no

mundo. Uma recomposição, em que o mito assume seu lugar original. O aspecto sombrio da tragédia não existiria sem o apelo ao fundo ancestral de angústia, terror e pessimismo que envolve a existência humana, num mundo de sofrimento, fragilidade, destruição e morte. O destino inexorável refletido na tragédia representa o próprio fato de se viver neste mundo, em que o enigma da existência mostra sua face cruel. É na tragédia que os gregos melhor souberam interpretar sua angústia e sua desolação diante do terror, da dor, da calamidade, do aniquilamento e da morte.

A mais fiel representação da desdita humana perante o destino inexorável encontra-se na tragédia ática. Nela, as coisas são colocadas de tal modo que não há alternativa possível ao herói, dado que o destino não lhe pertence. Por mais extraordinário e admirável que seja o herói, ele é conduzido inevitavelmente pelas potências obscuras da vida. É preso à vida e dela faz parte, da mesma forma que faz parte do destino inelutável. É característico da tragédia mostrar a sina humana de lutar pela vida, mesmo sem qualquer esperança de vitória. Tudo é determinado por *Ananke*, a Necessidade, juntamente com as *Moirai* (as Moiras), que eternamente governam os destinos do mundo. O pessimismo é ancorado nesse fundo perene de necessidade-destino, colocado entre a potência divina e a *hybris* humana.

Não causa surpresa, portanto, que os três principais poetas trágicos gregos, Sófocles (c. 496-c. 406 a.C.), Ésquilo (c. 525-c. 456 a.C.) e Eurípedes (c. 480-c. 406 a.C.) tenham em suas obras feito alusões à lenda do Sileno. Sófocles (1964, p. 135), o poeta da serenidade, faz o coro dizer em *Édipo Rei*: “Gerações de mortais! A meus olhos, como é nada a vossa vida!” O pessimismo acompanhava Eurípedes em seus cantos de dor universal e em suas admoestações (especialmente em *Orestes*) quanto à ilusão de se prender à alegria, à beleza e à pureza. O demônio Alástor e os sinistros poderes sobre-humanos estão sempre prontos para dominar as cenas da tragédia.

Em *Os Heráclidas*, Eurípedes clamou sem consternação que morrer é o melhor remédio para os males da vida.

O espectador identificava-se com os heróis trágicos e tornava-se participante do enredo, pondo neles seus problemas, dificuldades, comprometimentos e, também, seu pessimismo. O sinistro poder da tragédia universaliza-se, desse modo, como fator emblemático da condição sofredora de todos os mortais. Em particular, representa a crise espiritual vivida pelos gregos do século V a.C. Contudo, se a tragédia, como o mito, é polissêmica, está nela contida a tendência à superação. Em primeiro lugar, de superação do próprio pessimismo por meio daquilo que Aristóteles denominou *katharsis*, a purificação das emoções pela tomada de consciência. O grito que faz ressoar a necessidade de superação origina-se do próprio fundo tenebroso da existência, com o qual é preciso lidar. Em *Agamenon*, Ésquilo (1964) afirmou que Zeus estabeleceu a lei pela qual o conhecimento paga o preço da dor: *páthei máthos*, a sabedoria alcançada por intermédio do sofrimento. Além disso, as penas do herói mítico não nos devem cegar para o convite à transcendência ética, na qual o ser humano se coloca em plano de dignidade perante os deuses, haja visto os destinos de Antígona, de Prometeu e do próprio Édipo. A maior tragédia não é morrer, e sim morrer despojado de valor humano e rebaixado de condição digna, nobre e responsável perante o Universo.

Que reflexos teve o estado de espírito pessimista sobre a filosofia grega do século V a.C.?<sup>3</sup> O exemplo mais expressivo está em Empédocles (c. 490-c. 435 a.C.), filósofo, poeta, erudito e taumaturgo, de quem sobreviveram cerca de 400 versos. Ele realizou uma síntese eclética das ideias das escolas jônica e eleática, assim como do pensamento de Heráclito, resultando na filosofia de que, a partir de quatro

---

3 Ainda que haja autores, como Rosset (1989a), que fazem distinção entre uma filosofia trágica e uma filosofia pessimista, importam aqui as implicações pessimistas que envolvem a tragédia ática.

elementos primordiais (água, fogo, terra e ar), ocorrem infinitas combinações casuais sob duas forças mestras, designadas como *philia* (amor, amizade) e *neikos* (ódio, discórdia). Ou seja, trata-se daquilo que eternamente une e daquilo que eternamente separa. Os seres são formados e alterados pela combinação e descombinação dos quatro elementos e das duas forças que se associam e se dissociam. Da luta, opera-se a organização e a desorganização. A constituição do cosmo é fundada nas agregações fortuitas e casuais que ocorrem, determinando formações e configurações que seriam diferentes se o acaso se dispusesse de outro modo. De início, no cosmo primitivo, sob a forma de uma imensa esfera, a matéria eterna e potencial estava unida no todo e confundida em estado informe; depois se diferenciou por meio da luta entre os princípios opostos. Por simples acaso, ocorre a emergência de alguma coisa, havendo períodos em que há predominância de um princípio sobre o outro, mas sempre de modo casual e fortuito. O mundo em que vivemos é, portanto, constituído por átomos que se associam e se dissociam por acaso. O pessimismo filosófico-poético da concepção de Empédocles está em que o mundo é feito na profusão das forças cegas, sendo produzido por acaso. Nele, a ideia de ordem é apenas eventual, conjuntural e improvável, porque não há nada que, por princípio, lhe dê estabilidade e coerência. O cosmo é construído por arranjos erráticos de elementos, formados no jogo aleatório de forças que casualmente se juntam e se separam. Um mundo em que a indiferença das forças em luta dita os resultados. Por isso, Empédocles (1964, p. 134) clamou: “oh infeliz raça de mortais! Oh raça lastimosa! De que disputas, de que gemidos sois nascidos!” Resta a questão: Qual é o sentido da existência de um mundo sem sentido? Parece que Empédocles se suicidou, lançando-se no Etna.

Nos séculos IV e V a.C., floresceu na Grécia a filosofia sofística, tendo por expoentes Górgias (c. 487-c. 380 a.C.), Protágoras (c. 485-c. 411 a.C.) e Pródico de Ceos (c. 465-c. 395 a.C.). Os membros dessa

escola definiam-se como filósofos, mas também como oradores, retóricos, especialistas em eloquência e em gramática. Hoje se pensa em sofisma como pensamento enganoso, que só tem a aparência de verdade. Mas, naquela época, se referia à habilidade no manuseio das palavras, da gramática, da eloquência e da argumentação, de modo que fazia parte do ideal de *arete*, relativo à formação espiritual e à arte educativa do cidadão grego (JAEGER, 1986). Pródico de Ceos considerava-se apenas hábil na arte de falar, e isto era importante sobretudo enquanto perdurou o ambiente democrático de Atenas. Os sofistas propugnavam um subjetivismo filosófico e um relativismo radical. Preconizando que só existem ideias, e não o mundo como realidade objetiva, qualquer ideia poderia ser defendida como válida; daí, a ênfase no valor da argumentação. Levaram ao extremo as concepções de Heráclito de Éfeso sobre o fluxo perpétuo: se tudo muda a todo instante, como o fragor das ondas, não há nada que se possa tomar como definitivo e, portanto, como real. Isto é, nada existe que se possa considerar verdadeiro, pois não há ser, só há aparência. Nessas condições, a filosofia envereda para o mais completo niilismo. Isso se torna claro em Górgias (1964), que, além de afirmar que nada existe, concluiu que se algo existe não pode ser conhecido, nem comunicado; nada que possa ser definido por uma identidade real. A própria natureza entra nessa categoria. Se tudo é ocasional, acidental e fortuito, substitui-se a noção de natureza pela noção de convenção. Protágoras (1964) dizia que conhecer é sentir: cada um conhece a seu modo e tudo pode ser como não ser, dependendo da variabilidade das interpretações. Ele insistiu (PROTÁGORAS DE ABDERA, 1964, p. 204) que “o homem é a medida de todas as coisas”, uma asserção que pode conduzir a desmesurado egocentrismo.

Se o niilismo consiste na afirmação filosófica do vazio, o pessimismo é a convicção de que este mundo é nada e sua vacuidade se mostra por toda espécie de carência e falta. Pela negação da existência da realidade e da verdade, o niilismo torna-se pessimismo

na “representação trágica do não ser” (ROSSET, 1989a, p. 128). A força do pessimismo reside, pois, no estágio da subjetividade vazia, da qual decorre a ideia de um Universo sem referências, instável e desprovido de sustentação. Não havendo nada que dê real sustentação e sendo só aparência, a significação se perde e, em consequência, não se pode esperar nada de coisa alguma, nada de bom. Viver implica sofrimento, porque o mundo é completamente despido de alegria. Trata-se de um mundo chapado, aplastado e opaco, sem expressão viva. Nele, falta a alegria da descoberta de vinculações e de existências que convidam à participação e à comunhão. Não havendo ser, não há, também, sustentação à realidade interna. A exteriorização do nada e sua projeção no mundo correspondem à passagem do vazio interior para uma conceitualização subjetivista com aparência de objetividade. A experiência do vazio é, então, guindada à formulação de uma visão de mundo, cujos efeitos se fazem sentir na filosofia.

Em época posterior à sofística, introduziu-se outra escola filosófica, o ceticismo, que teve larga influência sobre o pensamento greco-romano. É interessante examinar o ceticismo em suas relações com o pessimismo. O fundador e principal representante dessa escola foi Pirro (c. 365-c. 275 a.C.). Em razão de duvidar de tudo, pregava a abstenção total de julgamento e a suspensão completa de juízo sobre as coisas. Dizia que não confiava no valor do conhecimento e ninguém poderia se arrogar de saber alguma coisa, porque jamais seria possível saber como os fatos verdadeiramente são. Se a verdade não pode ser conhecida, melhor seria cultivar a *adiaphoria*, a indiferença, inclusive a respeito de estar vivo ou morto. As funções mentais responsáveis pelo conhecimento, em especial os órgãos dos sentidos, são contraditórias e enganosas. Como confiar naquilo que é tão volátil quanto os sonhos? Como prender-se a uma realidade incerta, imprevisível, movediça, enigmática, insegura e, como tal, inatingível? Isso abrangia até as esferas da lógica e da moral. Os céticos buscavam a felicidade, mas se precavam e se resguardavam

na prática da dúvida sistemática; por isso, não consideravam nada seriamente. Para eles, as ocorrências naturais da vida eram ilusórias e incompreensíveis, uma vez que não lhes parecia possível comprovar nada como verdadeiro. A felicidade consistia na *ataraxia*, a ausência de perturbação, um bem-estar negativo, advindo de total abstenção, que incluía a *afasia*, não dizer nada. Pirro não deixou nada escrito, mas suas ideias foram transmitidas pelos discípulos. Imitou Sócrates, fazendo-se seguidor da famosa máxima: “se sei alguma coisa, só sei que nada sei”. Contudo, diferentemente de Sócrates, Pirro se armou de defesas intelectuais em relação a um mundo repleto de contradições e conflitos, que se colocava além das possibilidades de compreensão. Isso o conduziu ao niilismo intelectual. Como esteve na Índia, seguindo os exércitos de Alexandre, o Grande, teve contato com a seita dos ginosofistas e alimentou a convicção de que a realidade era *Véu de Maia*, pura aparência, justificando-se em duvidar até da própria dúvida. Apesar de tudo, o ceticismo teve muitos adeptos, a começar por Tímon de Fliunte (c. 320-c. 230 a.C.), que escreveu poemas destinados a ridicularizar os sistemas filosóficos. Contrariamente a toda certeza, Arcesilau (c. 316-c. 241 a.C.) e Carnéades (c. 215-c. 129 a.C.) defenderam a ideia de se admitir o que é mais provável, sendo precursores das noções de probabilidade. Considera-se que a filosofia cética foi um movimento salutar de reação aos dogmatismos aristotélico e estoico, pela introdução da *aporia*, o acolhimento impactante de opiniões contrárias. Além disso, o filósofo cético tinha a virtude de ser um pesquisador e de chamar a atenção para a questão de o conhecimento ser sempre parcial e relativo. Não significa, porém, que nada se possa saber. Se é verdade que não podemos conhecer a natureza última da realidade, é certo que o conhecimento pode ser obtido com base nas verificações disponíveis e possíveis.

Como situar o pessimismo do ceticismo? A qualquer pessoa de bom senso, é inegável que a realidade externa, tanto quanto a

interna, pode se tornar carregada de violência, destrutividade e toda sorte de complicações. Frequentemente, a realidade é sentida como pouco acolhedora, má e inimiga, sendo preciso evitá-la a todo custo. O ceticismo, em sua forma original, teve por fundamento, justamente, a evitação e o desligamento, em vez do encaramento das vicissitudes. Em consequência, o mundo tornou-se indiferente ao cético, que lhe voltou as costas e o ignorou. Ignorou-o no ato de afirmar que a realidade não pode ser conhecida, que o conhecimento é inacessível. Essa afirmação implica outra: o mundo não é verdadeiro nem falso, não existe verdade nem mentira. Se é assim, é melhor não sentir nada, não se preocupar com nada, porque nada vale a pena. Em vez de sentir o mundo complexo, difícil e hostil, que faria o sábio sucumbir na fragilidade e no desespero, é preferível acreditar ser impossível dar conta realmente dele. Não o pode amar, nem o odiar, porque dele não tem notícias reais e verdadeiras. O sábio suprime o fato de que conhece satisfatoriamente o mundo, colocando-se na posição de que não é possível saber alguma coisa. O lado desconhecido alimenta e justifica sua evasão do lado conhecido. Ele vive alheado, ao acreditar que não sabe nada. Busca a paz de espírito no afastamento dos problemas, ao que dá o nome de indiferença. Uma alienação que corresponde à paz dos cemitérios. O cético extremado diz: “se não há como descobrir a verdade, então não há motivos para aborrecimentos” (cf. WARBURTON, 2012, p. 20). A indiferença é uma forma de subtração à vida, de não se importar com ela e de não sofrer os impactos da realidade. Indiferença e abstenção são sinônimos de paralisia e de anestesia, por afastamento de toda realidade, seja esta boa ou má. É uma atitude que, ao eliminar toda a possibilidade do conhecimento, rejeita a capacidade de se lidar com as dificuldades, os conflitos e as perturbações. O pessimismo do cético rigoroso consiste nessa visão desastrosa: se nada é possível conhecer, o mundo é desprovido de referências, onde tudo pode ser, como não ser, sem jamais se saber do que se trata. Sem apoio no que

quer que seja, o pessimismo reside nessa escuridão, de onde nada emerge, porque não é possível qualquer emergência verdadeira.

Outras escolas filosóficas da antiguidade greco-romana procuraram dar, cada qual a seu modo, respostas aos mesmos problemas. Geralmente, tendo por pano de fundo as filosofias epicuristas, estoicas e cínicas, as respostas sugeriam a independência do indivíduo em face dos sofrimentos, dificuldades e incertezas da vida. A noção de *autarkeia*, autossuficiência, era especialmente cara aos filósofos cínicos, que buscavam a total autonomia do indivíduo, tornando-o indiferente a toda regra moral e disciplina social. Para viver em acordo consigo próprio, as condições indispensáveis eram a evitação dos conflitos, as satisfações frugais e não se deixar dominar por desejos. Para esses filósofos, o maior dos bens consistia em saber viver sem eles. Para Antístenes (c. 444-365 a.C.), fundador da escola cínica, a única sabedoria estava no discernimento de não se deixar dominar, nem se escravizar. Cultivava o retorno à vida simples, desprezava as honrarias, as riquezas e até a cultura. Vivia em conformidade com as leis naturais e em confronto com as leis sociais. O lema distintivo dos cínicos era a *parrhesia*, não ter peias na língua, falar o que vinha à cabeça. De todos os filósofos dessa escola, Diógenes (413-327 a.C.) é o mais conhecido, exatamente por sua excentricidade e insistência em viver de modo alternativo. Ser cínico significava levar uma vida parecida com a dos cães. Diógenes morava num tonel, vivendo como mendigo. Não se pejava em defecar e se masturbar em público. Era uma forma de ascetismo que pregava a recusa ao mundo, a evasão da realidade e o pessimismo em relação à vida, tomada como um grande mal. Uma filosofia feita de indiferença, desprezo e fastio. Diante das condições desfavoráveis, da maldade e da tragédia, a solução dos cínicos era a liberdade, obtida por meio do protesto, da evitação e da fuga. Isso lhes parecia mais condizente, em vez da participação efetiva na construção de um mundo melhor. Nisso está implicado forte sentimento de desolação, desgraça e pessimismo. Por

isso, Bertrand Russel (1969, p. 271) pôde dizer, em relação à filosofia antiga, que “Aristóteles era o último filósofo grego que enfrentava o mundo alegremente”. Alguns deles, como Hegésias (fl. 300 a.C.), da escola cirenaica, chegaram a um pessimismo radical: sendo impossível livrar-se dos sofrimentos e obter a felicidade, Hegésias recomendava o suicídio.

No ambiente efervescente de ideias em que floresceu a filosofia grega, despontou a figura ímpar e excepcional de Epicuro (341-270 a.C.). Não foi pessimista, mas alimentou todo tipo de discussão a respeito do assunto. Inspirou-se em Demócrito (c. 460-c. 370 a.C.), que reproduziu as teorias de Leucipo (c. 460-c. 370 a.C.). É difícil distinguir com clareza o que pertence a Demócrito ou a Leucipo nos fragmentos que chegaram até nós. Sabe-se que este último foi o primeiro filósofo a conceber os átomos como princípios de todas as coisas. Para ele, uma parte do Universo é preenchida de matéria, a outra é vazia. Ao se misturarem infinitamente os átomos no vazio, formam-se os corpos. O mundo é criado em um turbilhão de movimentos e agregações. O turbilhão consiste numa poeira central que, sendo impelida para fora, dá origem a massas compactas. Tudo se choca, se une, se separa, se dispersa e se solidifica, dependendo do estado dos elementos. Os corpos lançados para fora formaram a Terra e os demais corpos celestes. Tal é a doxografia de Leucipo, como foi exposta por Diógenes Laércio no século III a.C.<sup>4</sup> Demócrito, por sua vez, também não era pessimista: dizem que vivia sorrindo. Afirmava que os átomos são corpos infinitamente pequenos e indivisíveis, que nascem e se agregam no turbilhão; ao serem lançados em todas as direções, compõem a variabilidade da matéria existente. O Universo é gerado absolutamente ao acaso, por força da matéria, a partir dos átomos e do vazio. Demócrito atribuiu aos átomos as qualidades

---

4 Para maiores informações, cf. o livro *Les penseurs grecs avant Socrate*. Trad., introd. e notas por J. Voilquin. Paris: Garnier/Flammarion, 1964.

da forma e da grandeza. Epicuro, que continuou a desenvolver essa teoria, acrescentou-lhes o peso, algo que os faz se moverem. Se os átomos são constituídos de peso, caem infinitamente para baixo, configurando-se sua declinação. Para Epicuro, uma vez ou outra, alguns átomos desviam-se do percurso vertical e entram em colisão uns com os outros. A declinação dos átomos, chamada de *clinamen* por Lucrécio (98-55 a.C.), responde por um entrechoque infinito, do qual emerge por combinação fortuita e casual todo o Universo. Desse modo, são estabelecidos os princípios pelos quais tudo se forma por indeterminação e eventualidade, sem a intervenção de forças exteriores à matéria.

Lucrécio, poeta e pensador romano, é considerado o mais importante discípulo de Epicuro. Para ele, também, o mundo era constituído de matéria e vazio, desde os *primordia rerum*, os corpos primordiais das coisas. São átomos que, por uma razão natural, formam os seres animados e inanimados. Dos entrechoques casuais que se dão no desvio do *clinamen* resulta o Universo, produzido absolutamente por acaso. Não há direcionamentos prévios, norteadores das constituições dos corpos, mas somente formações fortuitas, originadas dos entrechoques dos átomos. Não há, tampouco, uma natureza, tomada como princípio de ordem ou unificada sob determinadas constantes. O que se chama de natureza são os elementos constituídos pelos resultados bem ou mal sucedidos do jogo das circunstâncias. A isso se poderia chamar, também, de estado geral de indiferença da natureza. No plano do relacionamento humano, ela reflete-se como *simulacra*, simulacros ou imagens enganosas, que o vulgo toma por verdades. Na natureza não há significados reais, porque eles são dados arbitrariamente e convencionalmente, nem nada verdadeiro, porque inexistem referências em que se basear. Rosset (1989a, p. 153) afirma que “o acaso *constitui uma razão*,<sup>5</sup> que é precisamente o que

---

5 Os grifos constam do original.

Lucrécio pretende descrever sob o nome de natureza das coisas”. Para Rosset (1989a, p. 142), trata-se de uma desnaturação “aberta a todas as incertezas e a todas as catástrofes, incapaz de constituir um mundo”. A matéria inerte jamais seria capaz de constituí-lo. Paradoxalmente, em Lucrécio, o acaso produz essa constituição. Mas como se torna possível extrair daí as leis de constituição e de organização? Como explicar a complexidade do advento da vida e a formação da mente? A ideia de uma natureza que se autoperpetua friamente parecia simples a Lucrécio e aos atomistas gregos, porque era um pensamento libertador relativamente às crenças religiosas e aos condicionamentos culturais daqueles tempos, assim como era uma forma de acalmar a mente por meio do conhecimento e uma via para a prática da *ataraxia*, em busca da paz de espírito, afastando a ignorância e o medo da morte. Lucrécio (2015, p. 199) disse: “ensino coisas grandiosas e procuro libertar o espírito dos apertados nós das superstições”, apesar de que pairam sobre tudo os *rerum simulacra*, os simulacros das coisas.

Por detrás de toda a maravilhosa e encantadora composição poética de Lucrécio, o Universo é criado e se mantém como um corpo automático e exangue, cuja vida é em si mesma sombria, sendo uma espécie de caricatura da vida real. Há uma natureza que se esvai na roda contínua da incessante criação da matéria, que se extingue e recomeça infinitamente pelo labor extenuante e sem sentido da repetição. “Giramos no mesmo lugar e é aí que sempre estamos”, afirmou pressurosamente o autor de *De rerum natura* (LUCRÉCIO, 2015, p. 195), querendo dizer aquilo que mais adiante se tornou rigorosa precisão: “a raça humana sempre labuta em vão e inutilmente” (LUCRÉCIO, 2015, p. 337). O tradutor e comentador da obra em português (CERQUEIRA, 2015, p. 9) sublinhou haver “uma angústia que resulta da contemplação do universo abissal”. Neste, as combinações estão em permanente transformação, sem se excluir a dissolução e a catástrofe que rondam por tudo. A morte

é assunto sempre presente, ainda que seja um nada, que o poeta romano chama de repouso tranquilo. Viver sem ilusões? Um grande desalento parece ter-se apoderado de Lucrecio no final da obra, que ficou inconclusa. Ele provocou um desfecho trágico em sua vida, findando-a com apenas 44 anos de idade. É surpreendente que tenha se suicidado após a escabrosa descrição da peste de Atenas. Se tivesse finalizado o livro, talvez pudéssemos ter uma ideia mais clara da sua síntese, que enfeixa num sistema único e abrangente as noções fundamentais da *physis*, ligando entre si os grandes filósofos gregos, desde Empédocles. Antes e depois de Lucrecio, os pessimistas sempre formaram legião, especialmente aqueles que fizeram do mundo um lugar de desventuras, tragédias, horrores e absurdos, de que devemos nos livrar. Após Lucrecio e muitos outros, a filosofia greco-romana sofreu a transformadora revolução cristã, que em sua forma primitiva mirava o outro mundo, porque no mundo terrestre não existe perfeição.



*Lidar com o pessimismo*, com o niilismo e com a tragicidade tornou-se uma tarefa difícil, diante de inúmeras propostas filosóficas, psicológicas, sociológicas e outras, que se fundamentam no catastrofismo e na renúncia ao amor à vida. O que pensar a respeito de visões da realidade que se voltam contra a natureza, a vida e o Universo? Haveria uma saída possível para a condição humana miserável e sofredora? O que a psicanálise tem a oferecer em face do desalento sistemático e do desencantamento do mundo? Este livro traz uma proposta de superação, considerando os fatores e elementos que determinam o afastamento de contato com a realidade interna e externa. É função da psicanálise colocar-se do lado da vida e lutar contra a destrutividade, o aniquilamento e o caos, de que resultam visões desfiguradas dos fatos. O amor à vida sustenta-se em elaborações psíquicas, cujas bases estão no contato da pessoa com seu próprio ser.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-369-1



9 786555 063691



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## **Do niilismo ao amor à vida**

Ser ou não ser

---

**Walter Trinca**

ISBN: 9786555063691

Páginas: 248

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

---